

III BIENAL: O CONTINGENTE BRASILEIRO: ESCULTURA - II

José Geraldo VIEIRA

REMATAMOS hoje o estudo das peças de escultores nacionais constantes do terceiro certame.

Alfredo Ceschiatti, cujos ótimos trabalhos vi em Botafogo (e não sei se os mandou para o Itaipuera, pois isso dependa de garantias de seguros, por serem peças de propriedade alheia, e estou escrevendo de bordo, a caminho da Europa) é uma revelação de primeira grandeza. Se o crítico de memória analítica descobre nas peças "Adão" e "Eva" uma simples plástica da "Serena" de Henri Laurens com o mármore, "Nu", de Alberto Viani, não há negar que Ceschiatti tem profundo senso de harmonia, beleza e ritmo, e é um dos elementos que suspendem o setor de escultura nacional ao plano internacional.

Zelia Salgado mandou duas "formas" de mera significação "soltejo" diuturno, como exercício de apuro, para então surpreender-nos com a pesada escultura "Cíclope", de majestosa simbologia homérica. Peça monumental, de dignidade arcaica, significa para a nossa escultura como estética do vigor o que as experiências de Roel D'Haese significam para a escultura belga.

Sergio de Camargo, figurativista até recentemente, passou a experimentar composições tipo Chauvin evoluído para Mastrolanni, o que demonstra estar saindo de uma fase para outras experiências formais.

O mesmo se poderia dizer das peças de Irene Hamar em superfícies polidas e conjunto fechado com preocupação estética quase surrealista. Cretano Fracarroli, cujo conjunto aceitei integralmente na votação como membro do júri (mas que não vi recentemente no setor, talvez as tivesse retratado) apresentou trabalho equidistante do trabeculado de Hoflehner e Anthoons; são de agradável porte arquitetônico.

Moussia Pinto Alves, por andar muito ao par da evolução das artes e dispor, nesse sentido, de cultura e acuidade, não se tem firmado numa padrão pessoal, mostrando-se versátil quanto a constantes pesquisas alheias e próprias. As duas peças que a representam entre os escultores nacionais pertencem a um vago surrealismo simbolista quanto à peça "Anjo", e a uma ordem de pesquisa de fechamento de círculos no tipo da escola suíça. Há a poética, portanto, e a arteza, numa só pessoa.

Bassano Vaccarini, pintor e escultor, recentemente alargou a crítica com a sua versatibilidade de arteza bem orientado; fez murais tipo pintura de reminiscência romana e fez cenário expressionista. A essas duas tendências antigas, quise aculturar, opõe agora peças de experimentação vanguardista; composições do gênero das construções espaciais de Theodor Rószak e Herbert Ferber. Arames, vergalhões, mas de tudo isso obtendo a leveza quase de uma citara.

Franz Weismann (cujo "Cubo Vazado" foi das peças mais belas

que já vi no acervo brasileiro concretista por ocasião do III Salão Paulista de Arte Moderna) propende para a ordem de estruturas metálicas retangulares alternadas, enquanto Mary Vieira tenta e consegue resultados novos com lances elípticos e circulares. O conjunto de cinco peças de Franz Joseph o insere numa categoria impar.

Mary Vieira, sem dúvida a nossa artista mais avançada no campo das pesquisas ascéticas da arte pura, absorve numa morfologia de ortodoxas procuras funcionais e ritmicas, envia as peças da Suíça, que evidentemente mostram uma evolução seria e escrupulosa.

Vitor Brecheret, cuja evidentemente muito da fase antiga de polimentos de corças, mulheres nuas e blocos para vestibulos. A que re-

mete este ano está na linha da sua maneira vencedora e premiada na I Bienal, mas agora com predominio de fatura indígena ou mitológica. Podendo ser tentado a concessões devido ao "metié" de que dispõe, optou por uma reserva funcional de peças que o definem e diferenciam do conjunto nacional. Noção de peso e majestade, plama o gesto com a finalidade de preservação do bloco, conforme faz Lipet com suas pedras linsenas.

José Pedrosa atingiu na escultura figurativa uma excelência de apuro, harmonia e lirismo que decerto o obrigou a subir para outra plataforma de pesquisas. Parece que vai deixar a figura; se as peças atuais são estudos cubistas, devem ser tomadas como núcleo didático de uma



Zelia Salgado: "Forma n.º 2".



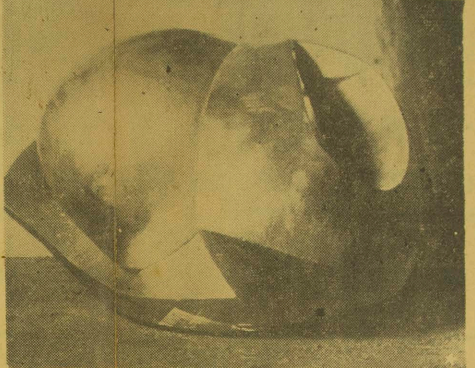
Irene Hamar: "Uma noite de São João".



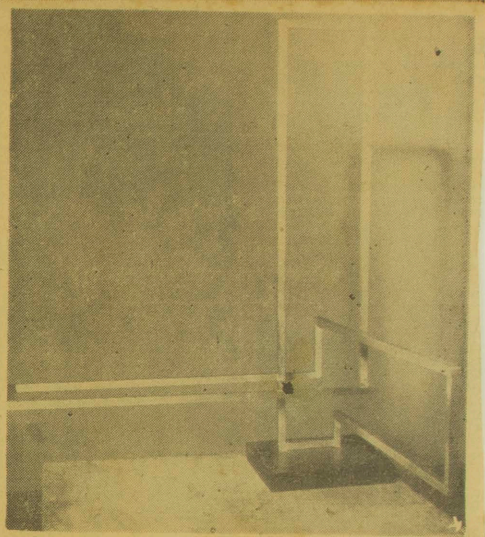
Moussia Pinto Alves: "Composição circular".



Maria Martins: "O canto do mar".



Sergio de Camargo: "Germinal".



Franz Weismann: "Estrutura n.º 1".

nova fase em elaboração. As anatómicas com Boccioni em nada o prejudicam; possa ele fazer o que o formidável artista italiano não conseguiu por causa de sua morte prematura.

J. Paulo. Folha de Matão 17-7-55